



## VAMOS DISCORDAR<sup>1</sup>

**Michel Vandebroek<sup>2</sup>**

Department of Social Welfare Studies, Gent University, Belgium

Tradução de: **Tatiane Cosentino Rodrigues**

Revisão Técnica de: **Anete Abramowicz**

### Resumo

#### Vamos discordar

Enquanto o respeito pela diversidade era um tema "à margem" dos debates sobre educação na primeira infância na década de 1980, é o cerne das preocupações de muitos hoje. Há um consenso emergente sobre como abordar as questões da diversidade na teoria da educação infantil, políticas e práticas. No entanto, é precisamente este consenso que pode ser preocupante. Inspirado pela teoria pós-fundacional, defendo que dissenso e desacordo não são apenas inevitáveis, mas também são necessários para promover o respeito pela diversidade, não como a tolerância para com aqueles que se desviam das normas, mas como uma desconstrução das normas que criam desvios.

**Palavras-chave:** democracia, políticas, pequena infância e diversidade

**Veja também a versão original em inglês publicada nesta edição.**

### Abstract

#### Let us disagree

While respect for diversity was a theme 'on the margins' of the debates on early childhood education in the 1980's, it is at the core of many concerns today. There is an emerging consensus on how to address issues of diversity in early

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado como Editorial do **European Early Childhood Education Research Journal**. Vol. 17, No. 2, June 2009, 165-170. Este artigo do Prof. Michel Vandebroek, um dos grandes pesquisadores europeus da pequena infância, foi lido em uma das conferências de abertura da 19ª Conferência Anual Européia da Pequena Infância (EECERA) que foi realizada em agosto de 2009 em Estrasburgo, França. O artigo propõe a discordância, a confrontação como mote da educação para a pequena infância para aqueles profissionais que se propõem a fazer educação no sentido de incorporar as diferenças. Diz ele que não existe nada mais mortal para uma equipe de trabalho que o consenso. Ele é visto de maneira produtiva, como algo que nos impulsiona a seguir, a mudar. A eterna confrontação, desacordo e incerteza será o nosso destino. Nesta perspectiva o respeito à diversidade não é a tolerância para com aqueles que se desviam das normas. Trata-se de contestar as normas que criam os desvios. Nós precisamos de discordância, a fim de desafiar o que é tido como adquirido e reconhecer que nosso conhecimento é provisório e experimental. (Nota do Revisor Técnico).

<sup>2</sup> Michel Vandebroek é pesquisador senior do Department of Social Welfare Studies da Universidade de Gent (Bélgica), onde leciona Educação e Cuidados com a Pequena Infância, Pedagogia da Família e Profissionalização do Trabalho Social. Suas principais áreas de interesse são: diversidade e inclusão social na educação infantil, programas de apoio aos pais e políticas públicas para as famílias. (Nota do Revisor Técnico).



childhood education theory, policy and practice. Yet, it is precisely this consensus that may be worrying. Inspired by post-foundational theory, I argue that dissensus and disagreement are not only inevitable, but are also necessary to foster respect for diversity, not as tolerance towards those who deviate from the norms, but as a deconstruction of the norms that create deviations.

**Key words:** democracy, political, early childhood and diversity

**See also the original English version published in this issue.**

### Résumé

Bien que le respect de la diversité était un thème "en marge" des débats sur l'éducation de la petite enfance dans les années 1980, elle est au cœur des préoccupations de nombreux aujourd'hui. Il ya un consensus émergent sur la façon d'aborder les questions de la diversité dans la théorie de l'éducation préscolaire, la politique et la pratique. Pourtant, c'est précisément ce consensus qui mai à être préoccupant. Inspiré par la théorie post-fondatrice, je démontrerai que dissensus et de désaccord ne sont pas seulement inévitable, mais sont également nécessaires pour favoriser le respect de la diversité, non pas que la tolérance envers ceux qui s'écartent des normes, mais comme une déconstruction des normes qui créent des écarts.

**Mots-clés:** démocratie, politiques, petite enfance, diversité

**Voir aussi la version originale anglaise publiée dans ce numéro.**

Enquanto o respeito à diversidade era um tema "à margem" dos debates sobre educação durante a década de 1980, ele é hoje um dos temas centrais das preocupações contemporâneas. Graças ao trabalho pioneiro de especialistas como os de Louise Derman-Sparks, de grupos Anti-Bias (Anti-discriminação) nos Estados Unidos e múltiplos projetos locais em diferentes países Europeus assim como nas redes transnacionais, muitas mudanças tem ocorrido. Essa mudança é dupla: primeiro, nós temos agora um crescente consenso sobre o que pode constituir "práticas possibilitadoras" em contextos de diversidade cultural ou étnica. Além disso, outros aspectos da diversidade têm sido explorados, incluindo a experiência de categoria ou social de ter homens como cuidadores, a inclusão de crianças rotuladas como portadoras de necessidades e outras formas de diversidade (famílias de mesmo sexo e populações em movimento etc.). Enquanto há duas décadas publicações sobre como lidar com a questão da diversidade na educação de crianças pequenas eram difíceis de encontrar, agora as prateleiras de livros estão repletas de manuais, livros, materiais de formação e DVD's sobre esse assunto. Embora em alguns lugares a diversidade seja ainda negada, em geral, a comunidade



da pequena infância não pode mais pretender focar suas atenções a uma criança “média”.

Há um consenso geral de que os processos de aprendizagem diferem dependendo dos contextos e que esses contextos refletem a diversidade de organização e funcionamento da sociedade em sua etnicidade, cultura, religião, gênero, composição familiar, competência etc. Essa evolução pode ser (superficialmente) resumida como uma evolução de uma perspectiva de equalização para uma de diversidade. Em resumo, a perspectiva liberal, individualizante e equalizante (grosso modo), de 1950 a 1980 foi baseada em políticas implícitas ou explícitas em que o crescimento em riqueza e de bem-estar eram considerados quase que como sinônimos. A crença geral modernista era a de que o crescimento financeiro e a construção do estado ‘moderno’ de bem-estar social erradicariam todas as diferenças e fariam todos felizes. Isso é bastante claro no ingênuo, mas eloquente discurso pronunciado na abertura da primeira e principal loja de departamento no centro da cidade de Ghent em 1957 (as citações neste artigo estão nas línguas originais com tradução em notas de rodapé, em respeito também à diversidade de linguagem).

Ik ben ervan overtuigd dat over weinige jaren, dank zij de bestendige verhoging van de levensstandaard van de ganse bevolking, en dank zij ook de verkoop tegen gemakkelijke betalingsvoorwaarden, wij te Gent, evenals te New York, getuige zullen zijn van het opbeurende schouwspel van stoffelijke welvaart en comfort voor arbeiders, bedienden, landbouwers en burgers, die uiteindelijk zal bijdragen tot het verdwijnen van het klassenverschil, dat men in de Verenigde Staten niet aantreft.<sup>3</sup> (CAUWE 1957, cited in SCHOLLIERS 1994)

Hoje, a comunidade da pequena infância está muito mais atenta ao fato de que igualdade e equidade não são sinônimas. A busca por justiça social e mudança está intrinsecamente de mãos dadas com a possibilidade de lidar com a multiplicidade das diferenças em um caminho produtivo ao invés de minimizar a diversidade. Nós também começamos a nos mover para além das perspectivas essencialistas de multiculturalismo que no passado ignoraram, com frequência, o poder das relações socioeconômicas, como por exemplo, a cilada de culturalizar questões de flagrante desigualdade econômica. Isso não é dizer que as discriminações ostensivas ou dissimuladas, implícitas ou explícitas tenham sido erradicadas. Totalmente o contrário: crianças vivendo na pobreza e crianças de minorias étnicas ainda estão frequentemente distantes das condições básicas e em muitos países as crianças de famílias mais pobres

---

<sup>3</sup> Eu estou convencido de que em poucos anos, graças à elevação dos padrões de vida da população em geral e graças às condições de venda rentável, nós vamos testemunhar em Gent e Nova York o bem-estar material e conforto dos trabalhadores, funcionários, agricultores e de todos os cidadãos, que irá eventualmente contribuir para o desaparecimento das diferenças de classe, que não se encontra nos Estados Unidos.



estão sobre-representadas no consumo de mantimentos da pior qualidade (VANDENBROECK *et al.* 2008). As crianças que são consideradas ou nomeadas como portadoras de “necessidades especiais” ainda lutam para encontrar um lugar na primeira infância. Familiares homossexuais ainda são confrontados diariamente com mensagens de que eles – e suas crianças – não “pertencem” a uma base habitual. No entanto, a sensibilização de que este é um problema, bem como as idéias de como lidar com estas questões, tem evoluído substancialmente durante as últimas duas décadas. Ainda há muito a ser feito, mas o caminho a seguir parece agora mais claro, com um aparente consenso que cresce sobre o que é para ser feito.

A despeito das diversas interpretações (ver VANDENBROECK, 2007), esse emergente consenso pode ser exatamente o que está preocupando. Como Michel Foucault disse: Je ne cherche pas à dire que tout est mauvais, mais que tout est dangereux – ce qui n’est pas exactement la même chose que ce qui est mauvais. Si tout est dangereux, alors nous avons toujours quelque chose à faire.<sup>4</sup> (1983, 1205)

O emergente consenso sobre o que o respeito à diversidade e inclusão social significa na educação infantil parece estar baseado num consenso de círculos específicos de acadêmicos e ativistas progressistas. Com frequência, os livros didáticos referentes a essas questões explicam como nós deveríamos olhar para como a diversidade é representada no ambiente educacional (nas decorações, nos brinquedos, livros infantis, músicas etc.). Eles podem dar exemplos precisos de como nós podemos chamar a atenção e trabalhar questões de diversidade com as crianças com objetivo de evitar que cresçam entre e com preconceitos; e eles atribuem importância particular a educação multilíngue, por meio da valorização da linguagem das crianças trazida de casa. Em resumo, eles apresentam um currículo holístico, experimental e centrado na criança em que a diversidade cultural das famílias é reconhecida. No entanto, com frequência, as vozes dos pais e das crianças não estão incluídas na elaboração do currículo, como se os pais e as crianças tivessem que se sentir plenamente felizes com o que os *experts* e os especialistas teriam imaginado. O currículo da diversidade, paradoxalmente, e de forma arriscada pode estar se tornando um novo discurso de *expert* (discurso especialista) “para a boa vida” das crianças, silenciando precisamente todos aqueles que eles desejavam incluir.

Na academia, nós podemos observar um crescente interesse nas perspectivas de educação de crianças e de seus pais e familiares. Há um crescente de publicações e reconhecimento da autoridade das crianças, ambos inspirados pela sociologia da infância e pelos psicólogos que estão interessados na bidirecionalidade dos processos educacionais.

Nesta linha da pesquisa acadêmica, o paradigma da diversidade também está se tornando óbvio por meio de um crescente número de estudos que olham para a perspectiva de pais e crianças em diferentes aspectos da

---

<sup>4</sup> Eu não procuro dizer que tudo é ruim, mas que tudo é perigoso, que não é exatamente a mesma coisa de dizer que tudo é ruim. Se tudo é perigoso, nós sempre teremos algo a fazer.



educação em múltiplas disciplinas, incluindo antropologia, sociologia, etno-psicologia, trabalho social etc. Além disso, nós temos atingido e construído *insights* sobre como o contexto cultural influencia o processo de aprendizagem de crianças, graças às pesquisas pós-vygotskynianas de pesquisadores como Barbara Rogoff, Ayrtin Göncü e muitos outros. No entanto, esta perspectiva de pesquisa dificilmente incomoda o que eu descrevo como um novo discurso de especialistas sobre diversidade na educação infantil. O que está basicamente delimitado é que estes estudos complementam nosso conhecimento em etnoteorias, hábitos escolares e nas construções de aprendizagem. Isso pode conduzir a um bem-intencionado apelo por tolerância por aqueles que possuem 'outras culturas' diferentes da que estamos acostumados. Um dos perigos podem ser exatamente as construções essencialistas a respeito do que as 'outras culturas' são.

Só recentemente os pesquisadores começaram a discutir aspectos da diversidade no currículo com os interessados: crianças e pais de múltiplas realidades e conhecimentos. E o que está começando a emergir nesses estudos não tem colocado nossas mentes em descanso. Para dar dois exemplos: alguns pais de minorias étnicas protestam contra o que eles vêem como não-academicamente direcionado num currículo multiculturalista e pedem por um direcionamento mais tradicional, direcionando o aprendizado e disciplinando as crianças quando necessário. Alguns pais rejeitam a presença de assistentes bilíngues ou a centralidade atribuída à língua materna. Como um pai descendente de Marrocos em uma escola de língua francesa em Bruxelas disse para mim recentemente: Você pensa que nossas crianças não merecem ler Molière?

Nós não podemos ignorar que o sistema educacional, incluindo a educação infantil, é um dos caminhos de reprodução da desigualdade social. Como acadêmicos progressistas ou profissionais, como podemos ignorar a perspectiva dos familiares que desejam atender as normas da realização do sucesso acadêmico (ou a realização deste capital cultural como atestou Bourdieu), em vez de discutir a educação holística? Mas, por outro lado, como nós podemos, se nós temos consagrado uma parte importante das nossas vidas ao interesse pessoal da criança? Como pedagogo critico eu posso argumentar que esta questão dos pais de conformidade aos valores e normas dominantes pode ser considerada como uma "opressão internalizada" (FREIRE, 1970). Mas, novamente, não foi também Freire que disse que o "Diálogo não pode existir sem humildade. [...] Como eu posso dialogar, se eu sempre projeto ignorância para os outros e nunca percebo a minha própria?" (1970, 78).

Para educadores progressistas, é difícil argumentar que nós educamos a criança como um todo, quando as crianças deixam a sua linguagem e a cultura na soleira da porta (CUMMINS *et al.* 2005). Mas, infelizmente, é também difícil argumentar que nós educamos a criança como um todo quando deixamos as opiniões de seus pais no corredor.

O objetivo desse editorial não é criar uma nova dicotomia, se os pais das minorias étnicas querem uma educação adultocêntrica *versus* os



liberais que advogam por um currículo centrado na criança. Talvez criar tal tipo de dicotomia seria pior cenário. O que é o caso é a mera observação que nós só começamos a discutir com os pais e as crianças sobre como lidar com as questões de diversidade em educação, ao invés de decidir por eles. O que é também o caso é que discutir essas questões com eles implicará em novas discordâncias e em muitas novas questões: aquisição de linguagem, o papel da educação da infância na sociedade, os múltiplos significados de 'inclusão' ou 'integração', as relações entre as esferas pública e privada, a relação entre cultura e religião etc. Essas divergências serão inevitavelmente decisões discutíveis, como a proibição Francesa do véu em funções públicas (incluindo os professores de educação infantil) ou a possibilidade inglesa de que as decisões proferidas pelos tribunais de *Sharia* são aplicáveis, desde que as partes acordem em dar-lhes o poder de decidir sobre o seu caso.

A observação de que apenas começamos essas discussões pode ser um desafio, mas também é um alívio que essas discussões 'impossíveis' tenham emergido. Como Chantal Mouffe (2005) argumenta esses desentendimentos fundamentais sobre como organizar nossa vida juntos, esses antagonismos como ela os rotula, são a essência da democracia. Ela argumenta que todo compromisso em essência é uma forma de exclusão e que é nessa impossibilidade que temos de agir e tomar decisões.

Com efeito, a educação de crianças pequenas é uma questão de tomada de decisão, uma cadeia de múltiplas, pequenas, insignificantes e até altamente importantes decisões. Pedirei para Jim terminar sua refeição antes que ele possa deixar a mesa? Devo colocar Dyvia no penico como sua mãe pediu? Devo parar a luta entre Zeynep e Clarice? Devo comunicar aos pais de Matew que estou preocupada/o com a maneira como ele fala? Como eu posso explicar para o grupo porque Boris não me compreende? Isso é o que os educadores fazem: tomam decisões. É ainda mais improvável que se nós refletimos sobre como essas decisões são tomadas e porque, que nós iremos concordar. É claro, que nós podemos concordar com vários dos horizontes gerais, para utilizar o termo de Kunneman (2005), como 'visando a uma sociedade sem discriminação' ou 'respeitando a diversidade', mas continua a ser pouco provável que, quando especificando sobre o que isso atualmente significa na prática diária da pequena infância, quando discutindo isso com profissionais, com gestores, pais e crianças, o consenso será alcançado. E felizmente sim. Porque é precisamente o desacordo que permite a nós refletir sobre as decisões tomadas. Não há nada tão mortal para uma equipe do que o consenso. Com efeito, na prática da educação infantil, é a exceção, a questão ímpar, o inesperado, o "escapamento" que gera debates que faz o "progresso" do profissionalismo. Como Jan Peeters (2008) afirma em seu bem documentado estudo de doutorado sobre a história do profissionalismo em Flanders, foram precisamente aqueles projetos de pesquisa-ação que estavam preocupados com a diversidade que permitiram aos profissionais o desenvolvimento do valorizado profissionalismo reflexivo.

É a mãe que pede para colocar sua filha no penico em uma idade muito precoce, é o pai que deseja que seu filho deficiente frequente aulas



“normais”, é a criança recusando-se a dormir, que desafiam nossos pressupostos tidos como certos, desde que lhes permita fazê-lo. É o Outro que nos impele a tornar as nossas decisões transparentes e, portanto, discutíveis e quem nos obriga a reconhecer que essas decisões discutíveis não podem ser nunca meros resultados de protocolos ou com base em uma ordem moral mais elevada. Como uma questão de fato, estas ações diárias irão inevitavelmente permanecer como decisões micro-políticas e disputáveis. Isso exige vários caminhos pelas quais as decisões podem ser documentadas, para torná-las transparentes, e, portanto, discutíveis. O que isso necessita também são o tempo e o espaço que permitam a nós perguntar as questões difíceis sobre como a disputa nos compele a repensar as nossas concepções do que pode ser uma “boa prática”, uma e outra vez.

Obviamente, isso torna o trabalho dos profissionais da educação infantil bastante exigente, tanto para os pesquisadores como para os profissionais da área. Inspirado pelos trabalhos de Cameron e Moss (2007), Dahlberg e Moss (2005) e Rinaldi (2005b), e baseado no seu trabalho de pesquisa narrativa, Jan Peeters (2008) sugere que quatro básicas e genéricas competências são cruciais para os profissionais da educação infantil:

- (1) A habilidade de procurar (sempre provisória) soluções em contextos de dissenso.
- (2) O foco no encontro com o Outro, o um que não sabemos.
- (3) A capacidade de co-construir conhecimento com os outros (colegas, pais, crianças).
- (4) Atuar com foco na mudança

É mérito da *European Early Childhood Education Research Journal* em fazer uma tentativa de ressaltar algumas dessas questões, nessa edição especial. Este número inclui as contribuições na perspectiva das crianças e seus familiares de diversas regiões: cidades do interior como Birmingham e Bruxelas, assim como de áreas de conflito ou de pós-conflito como Irlanda do Norte e Israel. Ao fazê-lo, as contribuições dessa edição especial podem ser lidas como estudos de caso que Chatal Mouffe (2005) nomeia ou chama de democracia agonística ou como os múltiplos caminhos em que as políticas podem ser trazidas para a creche, para usar os termos de Peter Moss (2007). Zvi Bekerman e Moshe Tatar mostram como, no contexto de discordância e segregação como o de Israel, pais judeus e palestinos dividem a mesma pré-escola, mas por razões completamente diferentes e com interpretações diferentes do que está acontecendo na pré-escola, embebidos não só apenas em diferentes tradições culturais, mas em primeiro lugar e principalmente, porque eles podem ter interesses diferentes, mesmo inseridos em diferentes condições sócio-econômicas e políticas. Geert Van Hove e seus colegas dão outro exemplo de como ouvir os pais pode ser um desafio às nossas suposições. Ao analisar as metáforas utilizadas pelos pais de crianças com deficiência, eles questionam os discursos dominantes sobre esses pais e colocam sua autoridade em um contexto que eu interpretaria como discordante, o conflito (político) que reside na luta contínua para ser ouvido em serviços gerais e em um sistema altamente medicalizado de cuidado. Vandebroek,



Roets e Snoeck analisam esses conflitos diários no nível micro e documentam – por meio de narrativas de mães imigrantes recém-emigradas – como dentro de um contexto mais amplo de relações de poder assimétricas, formas de reciprocidade, pertencimento e cidadania podem emergir, com a ajuda de profissionais reflexivos. Paul Connolly e seus colegas também investigaram um contexto segregado: Irlanda do Norte. Eles pesquisaram as perspectivas das crianças e mostraram como, desde tenra idade, desde muito pequenas, as crianças desenvolvem conceitos de “nós” contra “eles” ou dividem os grupos identitários. Ao fazer isso, eles nos obrigam a refletir profundamente sobre o lugar e as funções das disposições da primeira infância na sociedade. Julia Oliveira-Formosinho, adotando uma perspectiva mais qualitativa, revela alguns aspectos da importância da busca pela igualdade, união e aproximação da perspectiva das crianças.

Novamente, mas de um ângulo diferente, sua contribuição se dá sob o fato de que o viver juntos não pode ignorar que dentro e fora dos grupos a formação de conceitos como “nós” e “não nós” são inerentes ao encontro do outro e ao diálogo. Cada um desses trabalhos mostra que a verdadeira escuta sempre revela novos *insights*, lança luz sobre o que não é esperado, e, portanto, é um desafio. A contribuição ética e metodológica de Christine Pascal e Tony Betram explica o quão desafiante essa jornada pode ser, como requer que o pesquisador também considere o sua própria relação de poder com os profissionais e especialmente com as crianças que são muitas vezes os objetos de investigação e pesquisa.

Mas, novamente, este é exatamente o porquê pesquisadores podem se beneficiar de escutar as crianças, já que “somente o diálogo, que requer um pensamento crítico, é também capaz de gerar pensamento crítico” (FREIRE, 1970). De formas muito diversas, as contribuições neste número especial mostram não apenas como diferentes famílias e contextos econômicos, políticos, culturais e sociais precisam ser levados em conta na educação infantil, mas também no que esses contextos podem diferir significativamente, de acordo com diferentes familiares e crianças.

Uma vez que tomarmos seriamente as vozes destas crianças e seus pais - não apenas no seu nível individual de necessidades, mas também sobre o como viver juntos é construído ou sobre o que a igualdade de oportunidades pode significar – as coisas nunca mais serão simples. O consenso está além do nosso alcance. A eterna confrontação, desacordo e incerteza será o nosso destino. Mas, novamente, isso pode ser um pensamento muito reconfortante, que é exatamente o que o respeito à diversidade é para todos. O respeito à diversidade não é sobre a tolerância para com aqueles que se desviam das normas. Trata-se de contestar as normas que criam os desvios. Nós precisamos de discordância, a fim de desafiar o que é tido como adquirido e reconhecer que nosso conhecimento é provisório e experimental. De fato, como um pai palestino disse no estudo relatado por Bekerman e Tatar “Quando você vê o outro, você se conhece melhor”. Por conseguinte, a discordância é complexa, mas a complexidade é excepcionalmente bem vinda. Não é só na mesmice que nós construímos o



que somos, é também graças ao espelho da diferença e da divergência. Além disso, a divergência pode muito bem ser uma das pedras angulares das 'heterotopias'. Michel Foucault descreveu como 'reais utopias existentes':

[...] des sortes de contre-emplacements, sortes d'utopies effectivement réalisées dans lesquelles les emplacements réels, tous les autres emplacements réels que l'on peu trouver à l'intérieur de la culture sont à la fois représentés, contestés et inverses [...].<sup>5</sup> (1967/1984, 1574)

Michel Vandebroek  
Department of Social Welfare Studies, Gent University

### Referências bibliográficas

CAMERON, C. and MOSS, P. - **Care work in Europe. Current understandings and future directions**. London: Routledge, 2007.

CUMMINS, J. et al - Affirming identity in multilingual classrooms. **Educational Leadership** 63, no. 1: 38–43, 2005.

DAHLBERG, G. and Moss, P. - **Ethics and politics in early childhood education**. London: Routledge, 2005.

FOUCAULT, M. - Des espaces autres. In: **Dits et écrits II, 1976–1988**, ed. M. Foucault, 1571–81. Paris: Gallimard, 1967/1984.

\_\_\_\_\_. A propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours. In: **Dits et écrits II, 1976–1988**, ed. M. Foucault, 1202–30. Paris: Gallimard, 1983.

FREIRE, P. - **Pedagogy of the oppressed**. New York: Herder & Herder, 1970.

KUNNEMAN, H. - Social work as laboratory for normative professionalization. **Social Work & Society** 3, no. 2: 191–200, 2005.

---

<sup>5</sup>... "essas espécies de contra-posição, espécie de utopias efetivamente realizadas nas quais as posições reais, todas as outras posições reais que eu possa encontrar no interior de uma cultura são por sua vez representadas, contestadas e inversas..."



MOSS, P. - Bringing politics into the nursery: Early childhood education as a democratic practice. **European Early Childhood Education Research Journal** 15, no. 1: 5–20, 2007.

MOUFFE, C. - **On the political**. London: Routledge, 2005.

PEETERS, J. - **De warme professional. Begeleid(st)ers kinderopvang construeren professionaliteit**. Amsterdam: SWP, 2008.

RINALDI, C. - **In dialogue with Reggio Emilia. Listening, researching and learning**. London: Routledge, 2005.

SCHOLLIERS, P. - Mag het iets meer zijn? Kleinhandel en consumptiemaatschappij. In: **Met licht geschreven. Foto's uit een eeuw dagelijks leven**, ed. H. Balthazar and H. Ollivier. Gent, Belgium: Provinciebestuur Oost Vlaanderen – AMSAB, 1994.

VANDENBROECK, M. 2007. Beyond anti-bias education: Changing conceptions of diversity and equity in European early childhood education. **European Early Childhood Education Research Journal** 15, no. 1: 21–35, 2007.

VANDENBROECK, M., DE VISSCHER, S., VAN NUFFEL, K. and FERLA, J. - Mothers' search for infant child care: The dynamic relation between availability and desirability in a continental European welfare state. **Early Childhood Research Quarterly** 23, no. 2: 245–58, 2008.

Enviado em: 16/11/2009

Aceito em: 24/11/2009